

Ordens Espaciais do Rito: A noção de cenário nos espaços arquitectónicos dedicados ao culto religioso*

Pedro Janeiro *¹

Arquitecto, Assistente da F.A.U.T.L.

pajaneiro@fa.utl.pt

Abstract

Todos os rituais humanos pressupõem um cenário. Mais: a ausência de um cenário impossibilita o desempenho desses rituais.

Mas, que rituais são esses? E, de que cenários falamos?

Comer, dormir, andar, ver, conversar, ler, conhecer, ouvir, rezar. Conseguimos nós imaginar estas acções sem que, forçosamente, as não tenhamos de emoldurar, de certa maneira, num espaço que lhes sirva de fundo? A dialéctica *figura/fundo* não é tema exclusivo da representação gráfica, nem, tampouco, da Pintura. Ela é o tema da Arquitectura se, para nós, a Arquitectura for, não só um objecto que se oferece à contemplação do olhar, mas se for, como cremos que é, a moldura da vida do homem em sociedade, um dispositivo que é permissivo ao habitar.

Portanto, desde este ponto de vista, a Arquitectura não é só o objecto arquitectónico, é a relação entre *mim* e *ele*, é onde eu posso ou onde eu não posso desempenhar-me e, assim, manifestar a *minha* existência sobre a Terra.

0

Mas, antes de avançar neste raciocínio, e já que este cenário que nos acolhe aqui¹ hoje assim o exige: explicitemo-nos acerca do espaço – desde logo, e como vimos, intimamente relacionado com a existência.²

O espaço arquitectónico é uma categoria especial do espaço livre.³ Sendo uma ordem especial do espaço livre, deve promover o habitar enquanto antítese dessa liberdade desordenada, desse Caos – como quando no início da História: “A terra era informe e vazia”⁴.

A possibilidade de habitar na ordem – enquanto atitude sincrética perante a desordem –, é condição fundamental à Arquitectura. É a partir do seu próprio corpo que o homem *mede*⁵ e *ordena*⁶ o espaço livre. A Arquitectura instaura, assim, a ordem no espaço livre. Mas que espaço é esse, o da Arquitectura?

* apresentado no Ciclo de Conferências Casas de Deus, Identidades do Espaço Sagrado, FA/UTL, 15.XI.2005

^{*1} Mestre em Cultura Arquitectónica Contemporânea e Construção da Sociedade Moderna (FA/UTL).

¹ O aqui a que nos referimos é a Sala de Conferências da Faculdade de Arquitectura, U.T.L., em Lisboa, onde esta conferência foi apresentada no dia 15 de Novembro de 2005.

² “[...] la existencia es espacial.”; “No puede disociarse el hombre del espacio.” Martin HEIDEGGER cit. por Christian NORBERG-SCHULZ, *Existencia, Espacio e Arquitectura*, Barcelona, Ediciones Blume, 1975, p. 18.

³ “El espacio arquitectónico es una categoría especial del espacio libre, fenoménicamente creada por el arquitecto cuando da forma y escala a una parte del espacio libre.” Charles MOORE, e Gerald ALLEN, *Dimensiones de la Arquitectura, Espacio, Forma y Escala*, Madrid, Editorial Gustavo Gili, 1978, p. 17.

⁴ Livro do Génesis, 1, 2.

⁵ “Sus dos primeras dimensiones – longitud y anchura – responden principalmente a imperativos funcionales en sentido estricto, pero la manipulación de su tercera dimensión, la altura, garantiza a la mente del habitante la oportunidad especial de desarrollar además las otras dimensiones.” Charles MOORE, e Gerald ALLEN, op. cit., p. 17.

⁶ “Todo o projecto é uma textura de imagens e pensamentos que pressupõe uma ascendência sobre a realidade.” Gaston BACHELARD, *A Poética do Espaço*, São Paulo, Martins Fontes, 1989, p. 228.

1

Bem sabemos como é diverso falar-se de espaço em Arquitectura, Pintura, Matemática ou Física. A Matemática⁷ e a Física tornaram abstracto o espaço – constituindo-o enquanto *ideal*⁸; a Pintura instituiu-o pela representação, desprezando o observador no espaço exterior do espaço interior que simula; a Arquitectura, por seu lado, instaurando a ordem, concentra todas as dimensões humanas – “El espacio arquitectónico puede definirse como una ‘concretización’ del espacio existencial”⁹, todas as dimensões da vida do homem.

Há, desde logo, quando falamos em Arquitectura, a considerar a noção de uso – de dispositivo que se disponha ao uso –, e portanto, consequente desse uso, a imersão do corpo nesse dispositivo.

A este propósito, Edward Hall dirá que “[...] praticamente tudo o que o homem faz e é está ligado à experiência do espaço”¹⁰. Longe da Matemática e da Física, o espaço – entendido pela Arquitectura –, não é uma entidade abstracta, antes uma *estrutura*¹¹ onde o sujeito pode manifestar a sua existência¹² – de tal modo que, o espaço significa a própria existência.¹³ O espaço é uma estrutura que expressa o nosso *estar-no-mundo*, como diria a Fenomenologia.¹⁴ E se dizemos que o espaço é *existencial*, também poderíamos dizer que a *existência é espacial*.¹⁵ Daí que, *existir e habitar* se encontrem intimamente relacionados.¹⁶ Esta ideia não é original.

2

Mas atendamos, brevemente, para a noção de *existência*.

A existência repercute-se no *ser*¹⁷ que se opõe ao nada, sendo o *nada* a ausência de sentido, de ordem, de *in-significância* – o Caos desconcertante. A questão da existência emerge a partir da consciência, do *nada* e da *morte* – colocamos enquanto hipótese. Por outro lado, existir nunca se reduz inteiramente ao *facto de ser*. O *ser* é¹⁸ quando toma consciência da sua própria consciência, quando se sente constituído quando constitui – instaurando a ordem no *nada* pela atribuição de sentido.¹⁹ À luz do nosso raciocínio: *existir é constituir*.

Manifestando, o sujeito, a sua existência constitui o espaço atribuindo-lhe significado – fazendo-o passar de um estado de dormência, *reencontrando* o seu *sentido imanente*, a um patamar de significância. O espaço não existe *em si*, ele não existe *por si mesmo*, deste modo, o *sentido imanente* do espaço é a própria existência – porque é a existência que se projecta no espaço.

O espaço subordina-se à existência e a existência depende do espaço – eles são coincidentes na medida em que coexistem no mesmo tempo, e portanto, ambos definem uma *ordem temporal*. Assim, é com todo o corpo que se experimenta o espaço. É o espaço quem, no limite, proporciona a atribuição de sentido realizado pelo sujeito, ou melhor, é só na medida em que ambos – espaço e homem –, são *contemporâneos* que é possível a atribuição *mútua* de sentido.²⁰

7 “El carácter frío e abstracto de la geometría combinatoria ha llevado a muchos escritores a mantener que el espacio arquitectónico es básicamente ‘diferente’ del espacio matemático.” Christian NORBERG-SCHULZ, op. cit., p. 14.

8 “Los conceptos de espacios físicos y matemáticos, sin embargo, satisfacen solamente una pequeña parte de las necesidades originales de orientación del hombre. Cuantificando la experiencia primitiva total resultó un mundo ‘cognoscitivo’ de relaciones abstractas, que tiene escasa referencia directa a la vida ordinaria. Aunque se conservan fragmentos de las intuiciones originales, ciertos aspectos de su existencia, tales como la relación emocional con el medio ambiente, quedaron empobrecidos. Por consiguiente, tenemos que completar los conceptos de espacio antes mencionados con otros que incluyan los aspectos ‘afectivos’ de la relación ante el medio ambiente.” Christian NORBERG-SCHULZ, op. cit., p. 10.

9 Christian NORBERG-SCHULZ, op. cit., p. 46.

10 Edward HALL, *A Dimensão Oculta*, Lisboa, Relógio d’Água, s.d., p. 205.

11 Merleau-Ponty, no Capítulo dedicado ao Mundo Percebido, reflectindo acerca do espaço, diz: “Ter a experiência de uma estrutura não é recebê-la em si passivamente: é vivê-la, retomá-la, assumi-la, reencontrar o seu sentido imanente.” Maurice MERLEAU-PONTY, *Fenomenologia da Percepção*, 2ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 1999, p. 348.

12 “Como la araña con su tela, cada individuo teje relaciones entre sí mismo y determinadas propiedades de los objetos; los numerosos hilos se entretejen y finalmente forman la base de la propia existencia del individuo.” Jakob von UESKULL cit. por Christian NORBERG-SCHULZ, op. cit., p. 9.

13 “El interés del hombre por el espacio tiene raíces existenciales: deriva de una necesidad de adquirir vitales en el ambiente que le rodea para aportar sentido y orden a un mundo de acontecimientos y acciones. Básicamente se orienta a ‘objetos’, es decir, se adapta fisiológica y tecnológicamente a las cosas físicas, influye en otras personas y es influido por ellas y capta las realidades abstractas o ‘significados’ transmitidos por los diversos lenguajes creados con el fin de comunicarse. Su orientación hacia los diferentes objetos puede ser cognoscitiva o afectiva, pero en cualquier caso desea establecer un equilibrio dinámico entre él y el ambiente que le rodea. Talcott Parsons dice: ‘La acción está constituida por estructuras y procesos mediante los cuales los seres humanos forman intenciones significativas y las llevan a cabo con mejor o peor éxito

en situaciones concretas. La mayor parte de las acciones del hombre encierran un aspecto 'espacial', en el sentido que los objetos orientadores están distribuidos según relaciones tales como 'interior' y 'exterior'; 'lejos' y 'cerca'; 'separado' y 'unido', y 'continuo' y 'descontinuo'. El espacio, por consiguiente, no es una categoría particular de orientación, sino un aspecto de una orientación cualquiera. Sin embargo, debería subrayarse que sólo es un aspecto de la orientación total. Para poder llevar a cabo sus intenciones, el hombre debe 'comprender' las relaciones espaciales y unificarlas en un 'concepto espacial'. Christian NORBERG-SCHULZ, op. cit., p. 9.

14 "Mas que faz então a diferença abissal entre os juízos fenomenológicos sobre o mundo da experiência e os objectivo-naturais? A resposta pode dar-se assim: enquanto ego fenomenológico, tornei-me puro espectador de mim mesmo, e nada mais tenho em vigência do que aquilo que encontrei de inseparável de mim próprio, como a minha vida pura e como desta mesma inseparável e, claro está, tal como a reflexão originária e intuitiva me desvela para mim próprio. [...] Não pretendo apenas estabelecer em geral que o ego cogito antecede apodicticamente o ser-para-mim do mundo, mas chegar a conhecer integralmente e ver o meu ser concreto como ego: o meu ser como alguém que experimenta e vive naturalmente no interior do mundo consiste numa vida transcendental particular, na qual levo a cabo o experimentar com uma crença ingênua, e continuo a activar a minha convicção acerca do mundo, ingenuamente adquirida, etc." Edmund HUSSERL, Conferências de Paris, Lisboa, Edições 70, 1992, p. 23.

15 "Llego a un pueblo a pasar mis vacaciones y el lugar se convierte en el centro de mi vida... Nuestro cuerpo y nuestra percepción siempre nos requieren a aceptar como centro del mundo aquel medio ambiente con que nos rodean. Pero ese medio ambiente no es necesariamente el de nuestra propia vida. Podría estar en alguna otra parte cuando estoy aquí. Para Merleau-Ponty el espacio es una de las estructuras que expresan nuestro 'estar en el mundo': 'Hemos dicho que el espacio es existencial; de igual manera podíamos hacer dicho que la existencia es espacial.' Christian NORBERG-SCHULZ, op. cit., p. 17.

16 "O que quer então dizer: eu sou? A antiga palavra construir, a que pertence o «sou», responde: «eu sou», «tu és» significa: eu habito, tu habitas. O modo como tu és e eu sou, a maneira segundo a qual nós homens somos sobre a Terra é o Buan, o Habitar. Ser homem quer dizer: ser sobre a Terra como mortal, quer dizer: habitar." Martin HEIDEGGER, Vorträge und Aufsätze, Günther Neske Pfullingen, 1954, Tradução do original alemão por Carlos Botelho,

O sujeito constitui o espaço e ocupa aquilo que nele é imanente, preenche a sua estrutura latente²¹, e eleva-o à condição de signo, de coisa que fica em vez de outra – o espaço fica em vez da existência.²² Por outras palavras, não existindo o espaço em si, e sendo o espaço constituído pelo sujeito²³, ele é significativo – portanto, portador de significado –, por isso, é com o corpo-inteiro, finito e heterogêneo²⁴, que se experimenta o espaço, porque é através do corpo-inteiro que ele existe enquanto coisa significativa.²⁵

Atendamos, por outro lado, a noção de espaço existencial.

Norberg-Schulz estabelece algumas considerações acerca de espaço existencial entendendo-o segundo níveis²⁶, dizendo: "[...] el espacio existencial [é] un sistema relativamente estable de esquemas perceptivos o 'imágenes' del ambiente circundante."²⁷ G. Bachelard, "fenomenólogo que vive das origens"²⁸, pretendeu mostrar que "a casa é uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. [...] Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano."²⁹ Reconhece-se a casa³⁰ como o topos original. Assim, entendido sob um ponto de vista fenomenológico, o espaço existencial, é aquele para onde convergem todos os esforços do homem na procura da concha inicial em todos os dispositivos espaciais que se oferecem ao habitar.³¹ É o topos original, é a casa, é esse o modelo – no limite, o lugar sagrado.³²

3

Essa dimensão sagrada (essa ideia da casa ou, melhor, essa casa ideal) que está na génese de qualquer espaço habitado encontra na religião o seu uso mais evidente. As religiões definem certos espaços, espaços que obedecem a uma determinada lógica, a uma configuração específica, espaços que, aparentemente, podem privilegiar um contacto do homem com o Sobrenatural. Essas casas – chamemos-lhes assim –, invariavelmente, são espaços de reunião. Essas casas, invariavelmente, têm uma identidade – através da qual as distinguimos. E, essa possibilidade de distinção não é só alicerçada por critérios estilísticos, mas, também, por eles. Porquê?

Porque o objecto arquitectónico não é só uma forma que pode ser analisada segundo o seu estilo – como "processo de combinar sintagmaticamente as ordens imaginárias e formais"³³ que, por extensão, pode caracterizar uma dada época e/ou civilização e/ou religião – mas, (o objecto arquitectónico) como um objecto que vai além da visão e, portanto, para lá da imagem visual, que vai (, ou que põe o homem em contacto com aquilo-que-vai ou aquilo-que-está) mais além, até, dos limites do próprio corpo; ele, o objecto arquitectónico, é inteiro na sua espessura e complexidade; ele, digamos, revela-se no "uso que o homem faz do espaço [de que ele é fronteira ou limite] enquanto produto cultural específico"³⁴;

e ela, a Arquitectura, é a Disciplina que investiga isso (e que, de certa maneira, põe em-relação *homem-que-habita* e *objecto-que-é-habitado*).

É neste sentido que podemos dizer que só uma análise *proxémica* pode dirigir uma investigação à Arquitectura, e, assim, superar o equívoco de que o objecto arquitectónico é só visual, é só *fotografável* ou só pode ser imaginado pelos olhos. É neste sentido que, portanto, se pode superar, por um lado, o equívoco do estilo, e por outro, o equívoco de que “a arquitectura é um jogo sábio, correcto e magnífico dos volumes sujeitos à luz”, que inaugurou (provavelmente já desde o Renascimento³⁵ com Ucello e com *A Calúnia de Apeles* de Botticelli) a Arquitectura como representação – pelo desenho ou por outra qualquer imagem bidimensional³⁶ ou, ainda, por outro qualquer artifício de representação.

De qualquer forma, usemos com cautelas redobradíssimas o termo *identidade*. Não o usamos como *idem*, como carácter daquilo que é completamente semelhante a qualquer coisa ou do que permanece “o mesmo”, ou “idêntico a si mesmo”, através do tempo; mas, *identidade*, como *aquilo que é próprio de determinada realidade e não doutra*, e portanto, consequentemente, *aquilo que faz com que determinada coisa seja essa coisa e não outra coisa*.

Ainda assim, que *identidade(s)* tem o lugar sagrado? Será que essa *identidade* é diferente de religião para religião, de lugar para lugar, de época para época? Será que para o judeu – a quem Deus falou primeiro – a *identidade* da sinagoga é substancialmente diversa da igreja do católico – onde o Filho de Deus mora efectivamente *em-carne*, queremos dizer: vivo? Terá a mesquita do muçulmano – que reconhece o Criador e guarda a fé de Abraão e de Moisés – a mesma *identidade* da igreja do protestante – que acredita em Cristo mas para quem a Eucaristia é uma metáfora?

4

Se como dissémos, a Arquitectura é a *moldura da vida do homem em sociedade*, então, não encontraremos Disciplina mais completa do que a Arquitectura para responder a estas questões. O objecto arquitectónico expressa como nenhum outro objecto as relações do homem com o seu ambiente. Porquê?

Porque ele, enquanto representação, encena os *movimentos do homem*, quer dizer, ele institui os *modos* através dos quais o homem, não só, muda de posição no espaço em função do tempo; mas, sobretudo, serve de cenário a todas as suas acções: a todos os seus encontros e desencontros, a todas as suas dúvidas, angústias e felicidades, a todos os seus desejos, vontades e ilusões, a todas as suas preocupações, medos e convicções, a todas as suas projecções do passado, a todos os presentes e ao porvir. A Arquitectura serve de cenário a toda a vida ou a qualquer sinónimo que este termo pode ter, ter tido ou vir a ter.

pp. 145-162.

(Conferência dada a 5 de Agosto de 1951 no âmbito do «Colóquio de Darmstadt II» sobre «Homem e Espaço»; impresso na publicação deste colóquio, *Neue Darmstädter Verlagsanstalt*, 1952, p. 72ff.).

17 Ser, aqui entendido na sua originalidade etimológica: do latim *esse*, “ser”, “existir”.

18 Dizer, em qualquer contexto “o ser é” é entrar numa tautologia, ainda assim, por uma necessidade de construção sintáctica tivemos necessidade de utilizar esta expressão tautológica.

19 “Pois, na experiência do outro, mais claramente (mas não *diferentemente*) do que na palavra ou do mundo percebido, apreendo inevitavelmente meu corpo como uma *espontaneidade que me ensina aquilo que não poderia saber a não ser por ela*. A posição do outro como um outro eu mesmo não é realmente possível ser for a consciência que deve efectuar-la: ter consciência é constituir, logo não posso ter consciência do outro, já que isso seria constitui-lo como constituinte, e como constituinte com relação ao próprio acto pelo qual o constituo. Essa dificuldade de princípio, colocada como um marco no início da quinta Meditação cartesiana, não foi removida em parte alguma. Husserl passa adiante: uma vez que tenho a ideia do outro, é porque, de alguma maneira, a dificuldade mencionada foi, *de facto*, superada. Só pode sê-lo se aquele que, em mim, percebe o outro é capaz de ignorar a condição radical que torna impossível a concepção teórica do outro, ou melhor (pois se a ignorasse já não seria com o outro que teria relações), capaz de viver essa contradição como a própria definição da presença do outro. Esse sujeito, que se sente constituído no momento em que funciona como constituinte, é o meu corpo.”
MERLEAU-PONTY, Maurice, *Signos*, 1ª ed. Brasileira, São Paulo, Martins Fontes, 1991, p. 100.
Constituir o outro como um outro *sujeito constituinte* seria, deste modo, constituir o outro como um outro eu, ou seja, seria partir da possibilidade de um sujeito existir – em simultâneo –, em dois corpos.

20 “Quando digo que vejo um objecto à distância, quero dizer que já o possuo ou que ainda o possuo, ele está no futuro e no passado ao mesmo tempo em que está ali para mim: em si a lâmpada que percebo existe ao mesmo tempo em que eu, a distância está entre objectos simultâneos, e essa simultaneidade está incluída no próprio sentido da percepção. Sem dúvida. Mas a coexistência, que com efeito define o espaço, não é alheia ao tempo, ela é a pertença de dois fenómenos à mesma vaga temporal.

Quanto à relação entre o objecto percebido e minha percepção, ela não os liga no espaço e fora do tempo: eles são contemporâneos." Maurice MERLEAU-PONTY, *Fenomenologia da Percepção*, op. cit., p. 357

21 "A arte é o domínio da natureza pela cultura; promove à categoria de significante um objecto bruto, promove um objecto à categoria de signo, e revela uma estrutura que nele se achava latente." Umberto ECO, *A Estrutura Ausente*, 7ª ed., São Paulo, Editorial Perspectiva, 1997, p. 123.

22 "A percepção do espaço não é uma classe particular de 'estados de consciência' ou de actos, e suas modalidades exprimem sempre a vida total do sujeito, a energia com a qual ele tende para um futuro através de seu corpo e de seu mundo (Nota 59: 'O sintoma esquizofrénico é sempre um caminho em direcção à pessoa do esquizofrénico.' Kronfeld, citado por Fischer, *Zur Klinik und Psychologie des Raumerlebens*, p. 61.)." Maurice MERLEAU-PONTY, *Fenomenologia da Percepção* op. cit., p. 380.

23 "El proceso por el cual una imagen espacial puede ser transpuesta a la esfera emocional es expresado por el concepto espacial. Proporciona información acerca de la realidad que se halla frente a él. El mundo situado ante él es modificado por su presencia; le obliga a proyecta gráficamente su propia posición si desea relacionarse con él." GIEDEON cit. por Christian NORBERG-SCHULZ, op. cit., p. 13.

24 "Hay un centro que es el hombre que percibe y, por consiguiente, hay un excelente sistema de direcciones que cambia con los movimientos del cuerpo humano; es limitado y no es neutral en ningún sentido o, dicho en otros términos, es finito y heterogéneo, está subjetivamente definido y percibido, las distancias y direcciones están fijadas al hombre." Gunther NITSCHKE in *Anatomie der gelebten Umwelt* cit. por Christian NORBERG-SCHULZ, op. cit., p. 14.

25 FISCHER cit. por Maurice MERLEAU-PONTY, *Fenomenologia da Percepção*, op. cit., p. 385, diz: "A experiência do espaço está entrelaçada... com todos os outros modos de experiências e com todos os outros dados psíquicos."

26 "Los niveles vienen determinados por un ambiente que los rodea y al mismo tiempo por la constitución del hombre. Sería, en efecto, un error imaginar nuestro ambiente periférico como 'continuo', ciertos tamaños de unidades espaciales son simplemente inútiles y, si se producen, tienen un efecto ilusorio y divertido. El más bajo de los niveles es el determinado por la mano. Los tamaños y formas de los artículos de uso están relacionados con las funciones de asir, llevar y, en general, con las actuaciones de la mano. Lo nivel inmediato superior, o

É por isso que a Arquitectura é a mais humana de todas as actividades humanas.

E se, de facto, Deus existir: e se Deus for *Um-Só*, e se atravessar indistintamente todos os homens – desde o que tira a vida àquele que a dá, desde o que rouba àquele que tira de si para dar ao outro –, então, sendo *Um-Só*, podemos imaginar uma só casa (um só espaço) onde todos os homens indistintamente podem encontrar essa Unidade. Obviamente que isto é absurdo. Porquê?

Porque, qualquer que seja essa casa, ela será sempre imaginada por um homem, um homem que, erro dos erros, inevitavelmente, representará nessa casa aquilo que é para si, e fruto da sociedade onde está, *Deus* – um Deus que, à partida, não precisa nem de casa, nem de representações. Erro dos erros e erro da História do Ocidente que se achou capaz de pensar pela cabeça de Deus – julgando em Seu nome, fazendo ajustes sucessivos ao Bem e ao Mal, imaginando as Suas necessidades, projectando as Suas casas.

No entanto, essas casas, de alguma forma, testemunham vários modos de se ver Deus, digamos que, essas casas, emolduram uma certa tentativa de Lhe chegar mais perto.

Da mesma maneira que a moldura interfere na leitura da narrativa que o quadro conta, assim essas arquitecturas interferem nessa tentativa de contacto com o sobrenatural, ao mesmo tempo que, também a idealização desse contacto, interfere na configuração dessas mesmas arquitecturas.

Essas casas, invariavelmente, são espaços públicos de reunião. Norberg-Schultz diz: "Quando o espaço dos que se amam se faz público, como uma imagem de um ideal comum no espaço existencial, adquire o carácter de um espaço sagrado. O espaço sagrado centra-se sempre em um ou vários lugares sagrados, ou seja, 'focus' onde está representada a comum imagem cósmica."³⁷

No limite, portanto, será essa *imagem comum do mundo* o modelo que reprecente a Arquitectura, e mais ainda o será se o espaço que se ordena for destinado, ou servir de cenário, ao culto.

A Arquitectura é a *moldura da vida do homem em sociedade*.

Se a vida fosse só um intervalo de tempo decorrido entre o aparecimento e a morte de um organismo; se a vida fosse só o crescimento, a reprodução e a assimilação de um *edifício de moléculas* ou de um *aglomerado de células* a que pudéssemos chamar Homem; tudo seria mais fácil. Mas a vida não é só isso. A vida só o é, de facto, frente à promessa da morte. Portanto, também por isto, falar de arquitectura é sempre falar de vida, da sua complexidade, da sua magnitude, da condição ou da importância que Lhe atribuímos.

Se ela é a moldura, então, a vida é o quadro.

Nas suas Lições de Estética, Hegel anunciou a morte da arte³⁸ – e não o fez por acaso. Profetisava, entre 1820 e 1829, uma vida cada vez mais ávida de realidade imediata que tornaria todas as formas de tempo e de espaço universalmente equivalentes. E cumpriu-se, de facto – cumpriu-se num mundo mundano, num mundo profundamente laicizado onde só *alguns* espaços, onde só *algumas* casas, ainda podem testemunhar que ainda há homens que procuram, por entre os resíduos de uma sociedade em estilhaços, uma religião com Deus.



Fig. 1 Sandro Botticelli, 1445-1510, A Calúnia de Apeles.

sea el mobiliario, viene determinado por las dimensiones del cuerpo, especialmente en relación con actividades tales como sentarse, arrodillarse o encharse. El tercer nivel, la casa, recibe sus dimensiones de los más extensos movimientos y acciones corporales así como de las demandas 'territoriales'. El nivel urbano (que comprende subniveles) se halla principalmente determinado por la 'interacción social', esto es, por la 'forma común de vida'. El nivel del paisaje rural o campiña es el resultado de la recíproca influencia entre el hombre y el ambiente natural que lo rodea. Podemos todavía agregar niveles geográficos más extensos que se desarrollan al trasladarse desde una campiña a otra, o a base de un general conocimiento del mundo. El sistema de niveles, los diferentes esquemas desarrollados en cada nivel y la mutua influencia de unos y otros niveles constituyen la estructura del espacio existencial." Christian NORBERG-SCHULZ, op. cit., p. 34.

27 Christian NORBERG-SCHULZ, op. cit., p. 19.

28 Gaston BACHELARD, op. cit., p. 27.

29 Gaston BACHELARD, op. cit., p. 26.

30 "Porque a casa é o nosso canto do mundo. Ele é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo." Gaston BACHELARD, op. cit., p. 24.

31 "O geógrafo, o etnógrafo podem descrever os mais variados tipos de habitação. Sobre essa variedade, o fenomenólogo faz o esforço necessário para compreender o germe da felicidade central, segura, imediata. Encantar a concha inicial em toda a moradia, no próprio castelo – eis a tarefa básica do fenomenólogo." Gaston BACHELARD, op. cit., p.24.

32 "En el espacio de la interacción humana, los espacios de acción y de expresión son unificados para crear en su forma más elevada lo que Bollnow llama 'el espacio de vida común amable'. Indica que el matrimonio entre los povos primitivos solía concertarse frecuentemente con la construcción de una casa, y dice: 'El espacio de ellos (los novios) producen conjuntamente es su hogar'." Christian NORBERG-SCHULZ, op. cit., pp.43 e 44.

33 MADEIRA RODRIGUES, M. J., FIALHO DE SOUSA, P., BONIFÁCIO, H., Vocabulário Técnico e Crítico da Arquitectura, 2ª ed., Coimbra, Quimera Ed., 1996, p. 127.

34 Edward HALL, op. cit., p. 11.

35 "Introduzindo o espaço tridimensional como função da perspectiva linear, o Renascimento reforçou certos aspectos da

espacialidade medieval, eliminada, ao mesmo tempo, alguns outros. O manipular desta nova forma de representação do espaço chamou a atenção para a diferença entre mundo e campo visuais, e, por conseguinte, para a distinção entre o que o homem sabe existir e aquilo que efectivamente vê." Edward HALL, op. cit., p. 101.

36 "Porém, a pintura do Renascimento encerrava uma contradição fundamental. Manter o espaço estático e organizar os seus elementos por referência a um único ponto de perspectiva equivale, de facto, a tratar o espaço tridimensional segundo apenas as duas dimensões. Esta aproximação puramente óptica do espaço foi tomada possível porque o olho imóvel achata todos os objectos que se encontram para além de uma distância de quatro metros. Os efeitos de *trompe-l'œil*, tão populares durante e após o Renascimento, simbolizam esta concepção do espaço visual a partir de um ponto único. A perspectiva do Renascimento não se limitou a ligar a figura humana ao espaço segundo uma matemática rígida, que regulava as suas dimensões em função das diferentes distâncias, mas forçou o artista a habituar-se ao mesmo tempo à composição e ao plano." Edward HALL, op. cit., p. 101.

37 Traduzido livremente do castelhano: "Cuando el espacio de los que se aman se hace pública, como una imagen de un ideal común en el espacio existencial, adquiere el carácter de un espacio 'sagrado'. El espacio sagrado se centra siempre en uno o varios lugares sagrados, o sea, 'locos' donde está representada la común imagen cósmica." Christian NORBERG-SCHULZ, op. cit., p. 44.

38 "As condições gerais do tempo presente não são favoráveis à arte. O próprio artista já não é apenas desviado e influenciado por reflexões que ouve formular cada vez mais alto à sua volta, por opiniões e juízos correntes sobre a arte, mas toda a nossa cultura lhe torna impossível, mesmo à força de vontade e decisão, abstrair-se do mundo que à sua volta se agita e das condições a que se encontra sujeito, a não ser que recomece a sua educação e se retire para um isolamento onde possa encontrar o seu paraíso perdido." Ou ainda: "Em todas as aspectos referentes ao seu supremo destino, a arte é para nós coisa do passado. Perdeu tudo quanto tinha de autenticamente verdadeiro e vivo, sua realidade e necessidade de outrora, e encontra-se agora relegada na nossa representação." HEGEL, *Estética, A Ideia e o Ideal*, Guimarães Editores, Lisboa, 1959, p. 13.

Bibliografia:

- BACHELARD, Gaston, *A Poética do Espaço*, São Paulo, Martins Fontes, 1989.
 ECO, Umberto, *A Estrutura Ausente*, 7ª ed., São Paulo, Editorial Perspectiva, 1997.
 HALL, Edward, *A Dimensão Oculta*, Lisboa, Relógio d'Água, s.d.
 HEGEL, Estética, *A Ideia e o Ideal*, Guimarães Editores, Lisboa, 1959, p. 13.
 HEIDEGGER, Martin, *Vorträge und Aufsätze*, Günther Neske Pfullingen, 1954, Tradução do original alemão por Carlos Botelho, pp. 145-162. (Conferência dada a 5 de Agosto de 1951 no âmbito do «Colóquio de Darmstadt II» sobre «Homem e Espaço»; impresso na publicação deste colóquio, *Neue Darmstädter Verlagsanstalt*, 1952, p. 72ff.).
 HUSSERL, Edmund, *Conferências de Paris*, Lisboa, Edições 70, 1992.
 NORBERG-SCHULZ, Christian, *Existencia, Espacio e Arquitectura*, Barcelona, Ediciones Blume, 1975
 MADEIRA RODRIGUES, M. J., FIALHO DE SOUSA, P., BONIFÁCIO, H., *Vocabulário Técnico e Crítico da Arquitectura*, 2ª ed., Coimbra, Quimera Ed., 1996.
 MERLEAU-PONTY, Maurice, *Fenomenologia da Percepção*, 2ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 1999.
 MERLEAU-PONTY, Maurice, *Signos*, 1ª ed. Brasileira, São Paulo, Martins Fontes, 1991.
 MOORE, Charles, e ALLEN, Gerald, *Dimensiones de la Arquitectura, Espacio, Forma y Escala*, Madrid, Editorial Gustavo Gili, 1978.